

A INTERNET COMO UMA FORMA ALTERNATIVA DE DISTRIBUIÇÃO: UMA ENTREVISTA COM A REALIZADORA PORTUGUESA CLÁUDIA TOMAZ

Ana Catarina Pereira *

Cláudia Tomaz é uma das mais interessantes representantes de uma nova geração de realizadores portugueses. Cansada de uma certa invisibilidade a que o cinema português permanece voltado, decidiu contornar as tradicionais formas de distribuição, criando plataformas online de produção e exibição dos seus filmes. Os espectadores estão a agradecer!

O curriculum e percurso de vida da realizadora falam por si. Após ter terminado a licenciatura em Ciências da Comunicação, pela Universidade Nova de Lisboa, Cláudia Tomaz teve oportunidade de trabalhar com algumas das melhores referências cinematográficas nacionais, como Paulo Rocha, Pedro Costa e José Álvaro Morais. Realizou várias curtas, documentários e dois longas-metragens - *Noites* (prémio de melhor filme na semana da crítica no Festival de Veneza, em 2000) e *Nós* (prémio Bocallino no Locarno Film Festival, em 2003, na Suíça). Com 37 anos de idade, reside actualmente em Londres e não considera, de todo, a hipótese de voltar a Portugal.

Tendo uma vasta experiência em várias áreas do cinema (como realizadora, camerawoman, editora, guionista, assistente de realização e de produção) Cláudia Tomaz começou a trabalhar em digital a partir de 2004. Desde então, tem vindo a explorar métodos de realização com baixos orçamentos, com o objectivo, segundo afirma, de criar uma “arte holística, orgânica e do quotidiano”. A realizadora explora assim os limites e potencia um encontro entre um cinema documental, os diversos géneros narrativos e

* Doutoranda em Ciências da Comunicação/variante Cinema na UBI (Universidade da Beira Interior).

as artes. Para explorar essas áreas, fundou, em 2006, a HOLON film LAB, que funciona como uma plataforma para produzir os seus próprios filmes. A funcionar paralelamente, o projecto Micro Films Web TV consiste, por sua vez, num espaço para mostrar filmes em formato micro. Com uma actualização semanal, foi neste site que Cláudia Tomaz lançou recentemente o seu novo projecto – London Ground – uma série de filmes experimentais sobre arte e música underground em Londres.

Entrevista realizada via e-mail. Junho de 2011.

Ana Catarina Pereira - Os filmes *Nós* e *Noites*, que realizaste em Portugal, e o *Travelogue*, que filmaste em Marrocos, situam-se entre a ficção e o documentário, sendo difíceis de definir. Por que razão optaste por este género cinematográfico?

Cláudia Tomaz - Eu considero enriquecedor trabalhar nessa linha indistinta entre vida e narrativa. Os meus filmes são “sem-género”, porque procuro sempre fazer coisas novas e ir além dos limites. Para mim, fazer filmes é um processo subjectivo: estou mais interessada em narrativas visuais, viagens perceptivas, encontros com pessoas e lugares. No meio de tudo isto contam-se histórias, por vezes de modo intuitivo, por oposição à narrativa dita “tradicional”. Por essa razão, os meus filmes são abertos, deixando espaços por preencher para quem os vê e embarca neles. Também me interessam muito os processos e métodos de criação, a improvisação, os encontros, e a exploração de técnicas inovadoras. Neste momento, ando à procura de um cinema sustentável e quotidiano. Acho que as tecnologias digitais e a distribuição online podem tornar isso possível.

ACP - Os filmes de Pedro Costa também se situam nesse “limbo” entre a ficção e o documentário. Trabalhar com ele foi uma inspiração?

CT - Trabalhei com o Pedro Costa no filme *No Quarto da Vanda* durante oito meses, todos os dias, no bairro das Fontainhas, com uma câmara digital. O Pedro estava a trabalhar com uma equipa, pelo que o processo foi muito orgânico. Isso foi importante, especialmente pelo lado humano de aprender a paciência e usar o cinema como expressão do quotidiano.

ACP - Que outros realizadores constituem as tuas principais referências?

CT - Hoje em dia, eu diria que a Agnès Varda é a minha realizadora preferida, especialmente nos seus dois últimos filmes: *The Gleaners and I* e *The Beaches of Agnes* (2008). Outro dos meus favoritos é Derek Jarman.

Ultimamente também me tenho interessado por “live cinema”: os *Light Surgeons* são, para mim, o colectivo mais interessante nesta área, pela inovação com que criam filmes como se fossem *performances* ao vivo. Estou sempre à procura de um cinema independente e artístico, de documentários criativos, filmes pessoais e filmes ensaísticos, de todos os géneros. Basicamente, interesse-me por filmes e realizadores que colocam a sua visão pessoal nos seus filmes e nos processos criativos. Interesse-me por um cinema subjectivo.

ACP - Nos anos 70, Laura Mulvey foi uma das primeiras autoras a dizer que o cinema constituía um sistema patriarcal dirigido ao espectador masculino: realizado por homens, dominado por homens e visto pelo olhar dos homens. Actualmente, consideras que existe um “cinema feminino”, que corresponderia a um cinema realizado por e para mulheres?

CT - Sim, penso que podemos dizer isso. Para mim, trata-se mais de uma certa sensibilidade na forma como olhamos para as coisas – *à volta e para dentro de*. A indústria cinematográfica é muito dominada pelos homens porque se trata de um negócio dirigido pelo poder. No meu caso, isso não se aplica. Para mim, fazer filmes é um processo de descoberta baseado nas relações. Eu tento criar filmes a partir do que observo e

experiencio; às vezes nem sequer existe uma história para me guiar, mas antes uma abertura que me conduz... Mais tarde acabo por chamar os meus filmes de “micro filmes” e esse é um conceito mais aberto. Não é apenas por eles serem curtos, mas porque são experimentais, holísticos, realizados com baixos orçamentos, acessíveis, plenos de significado, pessoais e quotidianos.

Para além disso, também acredito que a tecnologia digital tem sido a ferramenta chave do cinema contemporâneo, permitindo novas visões alternativas que podem ser mais compatíveis com uma estética feminina. Desde que o equipamento e os meios se tornaram mais acessíveis, leves e pequenos, a relação com as pessoas que filmamos é mais directa. Talvez esta estética feminina se dirija a uma forma poética de cinema e da vida em si mesma. Eu vejo isso nos filmes da Agnès Varda, por exemplo.

ACP - Conseguirias voltar a trabalhar em cinema em Portugal?

CT - De momento, não. Eu estou sempre à procura de coisas novas, porque o que me rodeia influencia o meu trabalho. Viajar, conhecer novas pessoas e lugares no mundo inteiro é uma grande fonte de inspiração. Eu percebi isso quando comecei a ir a festivais de cinema internacionais e a conhecer realizadores com experiências tão distintas. Foi nessa altura que comecei a viajar mais: cheguei à conclusão que era mais feliz assim, em movimento.

Em 2004 fui seleccionada para um curso de guionismo que se realizava em três cidades diferentes (Turim, em Itália; Sodankylä, na Finlândia; e Lyon, em França), com alunos oriundos de 16 países europeus. Depois, em 2006, consegui uma bolsa para uma residência artística nos Estados Unidos, com a duração de um ano – aproveitei também este período para estudar “Media Arts” como aluna-assistente na Temple University, em Philadelphia. Mais tarde, quando regresssei a Portugal, tudo me parecia tão pequeno, contraído, triste... Senti que os artistas e os filmes não eram levados a sério; conseqüentemente, havia (e há) uma falta de

profissionalismo e de respeito pelo nosso trabalho. Foi então que decidi mudar-me para Londres, onde continuo a viver actualmente.

ACP - Foi essa falta de consideração pelos artistas que te fez ir trabalhar para Londres?

CT - Vim para Londres em 2007. Comecei por trabalhar como montadora *freelancer*. Depois, dei aulas de cinema para crianças. Actualmente continuo a realizar e a montar alguns filmes relacionados com arquitectura sustentável para um site na internet, e faço outros trabalhos semelhantes, quando aparecem. Paralelamente, comecei a trabalhar nos meus filmes, pois há algum tempo que procurava novas formas de produzir e mostrar o meu trabalho. Nos últimos anos tenho trabalhado sozinha, em digital e com orçamentos reduzidos. Desde que estou em Londres já fiz vários filmes: *Travelogue*, *The time travellers meet*, *The light surgeons*, *Timeless Land*, *One Love*, o video-clip *Feel me* e agora a série de filmes LONDON GROUND. Londres é uma cidade inspiradora, de mentalidade aberta, ponto de cruzamento de culturas e influências diversas. Acima de tudo, adoro as pessoas que encontro aqui e, com os artistas que vou conhecendo, começamos a formar uma espécie de comunidade que se está a desenvolver dentro deste projecto.

ACP - Como surgiu a ideia de criares uma Web TV?

CT - Há muito tempo que procurava uma forma de tornar os meus filmes acessíveis a toda a gente e de criar o meu próprio canal de distribuição, sem depender de produtores ou distribuidores. Para além disso, estava interessada em formas alternativas de obter financiamento através de plataformas online. Com a minha MICRO FILMS web tv consegui juntar as duas coisas.

Para além disso, esta tem sido uma forma de eu própria ver todos os filmes que realizei nos últimos quinze anos, com um olhar renovado, fazendo remixes, ou mostrando cenas ou excertos dos meus filmes mais longos, usando os filmes como um DJ usa samples no seu trabalho. O

formato micro parece-me também o mais adequado para a internet: por um lado, pela qualidade; por outro, sendo a atenção na Internet fragmentada, penso que um formato curto resulta melhor. Neste momento há 15 filmes online. Eu comecei a web tv em Novembro 2009. Em Dezembro, a FilmAnnex fez-me uma entrevista e promoveu a minha web tv na sua home page, facebook e twitter. Em um mês tive mais de um milhão de pessoas a verem os meus filmes. Em termos de financiamento, recebo cinquenta por cento da publicidade que aparece na página, e esse dinheiro é usado para o novo projecto.

Em LONDON GROUND quero que o processo de fazer/filmar/montar/promover e distribuir seja um só. Assim que termino a montagem de um filme, ele fica disponível na web TV. Portanto, ao verem os meus filmes e ao votarem nos seus favoritos, os espectadores estão a contribuir para o financiamento do novo projecto, embora seja inteiramente grátis aceder aos meus filmes, 24 horas por dia, em qualquer lugar do mundo.

ACP - Em que consiste o projecto London Ground?

CT - London Ground é uma série de filmes experimentais em formato curto (3 a 10 minutos) sobre a cena artística underground em Londres, em 2010. Os filmes são feitos por mim, em colaboração com artistas de diferentes backgrounds – filme, performance, arte, activismo, guerrilha, gardening, música... Os filmes são sobre o trabalho destes artistas, embora sejam o resultado de encontros criativos comigo. Para a primeira série, tenho previstos 16 filmes. Assim que um filme fica pronto, é uploaded na web tv para ser visto. Idealmente, haverá um filme novo semanalmente. No final da primeira série (penso continuar...) vai ser editado um DVD com todos os filmes e extras. Durante o período da série estou também a planear mostras especiais dos filmes realizados e eventos que ponham os artistas juntos para apresentar trabalho original ao vivo, criando uma relação directa

com o público; isto também porque acho importante o encontro na “vida real” – já que grande parte do projecto se passa online.

ACP - Como é financiado?

CT - O financiamento do LONDON GROUND é uma experiência inteiramente nova, tanto para mim como a nível global. No meu caso, é a tentativa de financiar uma série de filmes curtos / low-budget, usando apenas dinheiro gerado através da internet.

A MICRO FILMS web tv é uma das formas de financiamento. Como já expliquei, as pessoas, ao assistirem aos filmes gratuitamente e votarem estão a contribuir para a realização do LONDON GROUND. Por vezes, também há concursos na web tv (anunciados na página LONDON GROUND Group no facebook), em que peço às pessoas para votar nos filmes da web tv diariamente; o mês passado ‘feel me’ ficou em segundo lugar, mas só o primeiro tem prémio...

A outra forma de financiamento pede Acção! Fiz o lançamento do projecto no IndieGoGo <http://www.indiegogo.com/LONDON-GROUND> que é uma plataforma que facilita o financiamento dos filmes através de doações (com direito a agradecimento nos créditos, ou um DVD... dependendo do valor), qualquer pessoa pode fazer uma contribuição online e assim ajudar a financiar os filmes. Nesse site encontra-se a descrição do projecto, um pitch vídeo, fotos, sendo que eu vou mantendo o site actualizado e mostrando o work-in-progress do projecto. O processo é transparente e simples, é o conceito D.I.W.O (do-it-with-others) que move IndieGoGo e tem como função criar uma alternativa viável e sustentável para realizar filmes num contacto directo com as pessoas que os querem ver. Por exemplo: se 500 pessoas derem 10 dólares, o que não custa muito a ninguém, os filmes podem fazer-se. Depois, os filmes são distribuídos na web tv e podem ser vistos no mundo inteiro gratuitamente. Até agora, o dinheiro obtido não é ainda suficiente e é ainda difícil de prever como estas

estratégias vão evoluir ou resultar. A divulgação torna-se essencial neste processo e, se me é permitido aqui, apelo à Acção!

ACP - Para além do DVD, não pretendes que estes filmes sejam exibidos também em salas de cinema?

CT - Por enquanto, o plano é exhibir os filmes no circuito “underground” de Londres. A exibição será uma parte dos eventos e das festas LONDON GROUND, em que os artistas envolvidos se reúnem para apresentar o seu trabalho ao vivo. A ideia do LONDON GROUND é fazer filmes, mas também criar laços entre os artistas, desenvolvendo uma rede de pessoas que se podem encontrar tanto online como na vida real. Na verdade, o projecto nasceu da minha curiosidade e admiração pelo trabalho de outros artistas em Londres. Alguns dos artistas e colectivos que convidei para colaborarem no LONDON GROUND são amigos que conheci em eventos e espectáculos nos arredores de Londres ou mesmo através da Internet, nas minhas pesquisas. Os artistas que escolho não são *mainstream*, mas pessoas com sonhos e os pés bem assentes na terra, pessoas com ideias e práticas invulgares e originais. Eles utilizam as ferramentas e os meios de comunicação disponíveis nos dias que correm e usam a sua arte para comunicar ideias, contactar com pessoas e produzir mudanças no mundo. Esse é o meu interesse como pessoa e como realizadora. Este projecto é também uma forma, para mim, de encontrar o meu GROUND em Londres, uma cidade que continua a ser nova para mim... Como estrangeira (e realizadora) vejo ligações entre o que acontece e o que me rodeia. Mas actualmente também temos que estar conscientes da invisibilidade – da Internet, do silêncio das mensagens textuais, da experiência avassaladora de estar ligado 24 horas por dia através da tecnologia. Este projecto é também uma reacção e um movimento em direcção à visibilidade e à simplicidade de partilhar ideias, práticas e descobertas, através de encontros e de criações conjuntas.

ACP - Trabalha mais alguém contigo nesta Web TV?

CT - Basicamente, eu faço tudo. Produzo, filmo, monto, faço sound design, update dos websites (o meu website, a web tv, indiego, facebook, twitter, holon film LAB blog...), contactos, design, promoção, flyers... de qualquer forma há uma rede de artistas envolvidos e colaboramos, ajudando-nos uns aos outros.

ACP - É um trabalho solitário?

CT - Bem, o contacto com outros artistas e com as audiências é mais directo do que nunca: existem e-mails, Facebook, chats, e também já é comum que as pessoas passem horas a criar nos seus computadores, sozinhos em casa, enquanto estão conectados com o mundo. Eu gosto particularmente de poder criar tantas coisas diferentes; isso é parte do meu método, e eu gosto que assim seja. E, como eu disse, há uma rede de artistas que colaboram comigo de diferentes formas e a vários níveis. Apesar disso, sim, por vezes é um trabalho solitário.

ACP - Já pensaste em adaptar este processo criativo a produções com um orçamento maior ou a meios de comunicação mais tradicionais, como a televisão ou o cinema?

CT - Na verdade eu fiz isso desde 1995. Foi dessa forma que comecei a trabalhar em vídeo, fazendo tudo sozinha. Em alguns filmes nós éramos uma equipa de dois a quatro elementos, sendo que trabalhei sempre com orçamentos muito diversificados. Na minha primeira longa-metragem, *Noites* (2000), éramos dez pessoas. Este novo projecto, a minha web TV, é uma experiência mais radical porque eu também utilizo as novas ferramentas que a Internet disponibiliza, mas é uma experiência. Ainda não sei se mostrar os meus filmes gratuitamente se poderá tornar um método sustentável, uma vez que nunca fiz isto antes. Mas, se funcionar, é um sonho tornado realidade – o de ser completamente independente, sem ter que trabalhar com produtores ou distribuidores. Estou muito feliz com a liberdade que estes métodos proporcionam. Para mim, esta não é apenas uma questão estética. Esta forma de fazer filmes é uma ética, em si mesma.

Eu quero fazer filmes todos os dias. É esse o meu trabalho e a minha forma de interagir com as pessoas. Eu gosto de trabalhar com limites, com orçamentos baixos, com equipamentos muito leves que eu possa transportar às costas e levar na minha bicicleta até ao local das filmagens. A Internet mostrou-me novos territórios, que me permitiram criar diariamente, em vez de filmar durante quatro a seis semanas a cada três ou cinco anos, como acontece na indústria cinematográfica tradicional, onde se passa a maior parte do tempo à espera de dinheiro ou a lutar com constrangimentos que nada têm a ver com a arte de filmar. Mas acho que tudo está a mudar, graças à Internet. A utilização de plataformas online e a comunicação directa com a audiência são agora consideradas modelos de negócio. E eles estão a alterar a indústria cinematográfica!

Sites

LONDON GROUND info | contributions:

<http://www.indiegogo.com/LONDONGROUND>

MICRO FILMS Web TV

<http://microfilmswebtv.com>

Website de Cláudia Tomaz

www.claudiatomaz.com

Página do Facebook LONDON GROUND

<http://www.facebook.com/group.php?v=wall&ref=mf&gid=358578052673>

HOLON Film LAB blog

<http://holonfilmlab.blogspot.com>